

UM MISTÉRIO EM JULGAMENTO

Luís Sucupira

Difícil sobremodo, se não por vezes impossível é a manifestação da justiça dos homens. Daí a sentença divina: “Não julgueis”, conforme se lê em Lucas, cap. VI, e Mateus, cap. VII. E o próprio Deus humanado, ao ser solicitado a julgar a adúltera, apanhada em flagrante, crime que a lei judáica punia com a lapidação em praça pública, não se quis manifestar expressamente, limitando-se a fazer riscos na areia e a convidar os acusadores a que lançassem a primeira pedra os que, dentre eles, se julgassem imunes de pecado.

São Paulo, na sua Epístola aos Romanos apresenta os perigos a que se expõe o autor de juízos apressados e pergunta: “Por que julgas teu irmão”, isso depois de haver avançado no capítulo III que “todo homem é mentiroso”.

Não será impertinência ver na admoestação de Jesus, de não poder um cego guiar outro cego, oferecida por Lucas no cap. VI do seu Evangelho, uma alusão à justiça dos romanos, representada por uma mulher de olhos vendados? Se um cego não pode guiar outro cego, como pode um juiz decidir às escuras ou às apalpadelas?

É de consenso universal dar-se como perfeita a justiça de Salomão, narrada no cap. 3º do III Livro dos Reis, a propósito da competição de duas mulheres públicas em torno de uma criança cuja maternidade ambas disputavam. No entanto, examinando o caso a distância e sem preconceitos o que se conclui é que o rei-juiz deixou-se levar pelas aparências, não entrando no fundo da questão. Sua sentença poderia ter sido injusta se houvesse funcionado na disputa o fingimento.

Se difícil é julgar os atos dos homens, muito mais difícil é trazer à balança da justiça os seus sentimentos. Quanto mistério num pensamento, quanta surpresa num coração, quanta grandeza num sentimento, quanta miséria numa sensação! E as cadeias que impedem a alma impotente e escrava de traduzir com os lábios o que procura dizer e de extravasar no papel o que a mão não escreve?

O homem, como disse Jesus, é um caniço agitado pelo vento. E a observação mostra à saciedade que os fatos mais triviais implicam normalmente complicados problemas na existência humana. Diz a sabedoria que o homem se agita e Deus o conduz. E é justamente nessa agitação que se encontra a semântica do processo universal das sociedades.

É dessa agitação do homem que se forma a trama inexplicável de papéis sociais assumidos pelos indivíduos e, através destes, pelos grupos. A paz e a guerra, a ciência criadora e a ciência destruidora, os atos de prepotência ou corrupção e as manifestações de sabedoria e amor resultam da influência, das idéias, dos interesses, das aspirações do ser humano, que, para atingir seus objetivos recorre aos quadros sociais, onde encontra oportunidade para realizar-se em toda a sua plenitude.

Daí a dificuldade e por que não dizer a impossibilidade de um julgamento exato sobre as ações humanas, sejam coletivas, sejam particulares, pois implicará qualquer atitude a distinção dos vários níveis que assinalam quaisquer decisões, na essência livre, mas nas realizações submetidas a determinismos relativos. Daí a conclusão de Gurvitch de que na compreensão da realidade social tem-se que admitir uma superposição de planos submetidos a um determinismo mais ou menos flexível, repousando sobre solo vulcânico, onde se agita o que há de espontâneo e inesperado na vida coletiva, como são as condutas criadoras, as idéias e valores, os estados mentais e atos psíquicos.

Em face dos acontecimentos, o juiz, no caso o sociólogo ou historiador, precisa compenetrar-se de que é homem e não possui o dom da perfeição e o carisma da infalibilidade.

Colocando diante de nós, sob a luz de refletores mais aperfeiçoados, a figura polêmica do Padre Cícero Romão Batista, sobre quem tanto se tem falado e de quem muito ainda se há de falar, o Arcebispo D. José de Medeiros Delgado aproveitou a data centenária de sua ordenação sacerdotal para que, através de uma pesquisa em torno de sua figura, fosse possível atingir um grau de conhecimento mais perfeito do indiscutivelmente prodigioso comportamento do hoje consagrado Patriarca do Juazeiro.

Para tanto convocou “a quantos possam contribuir para uma pesquisa que leve senão a uma consagração definitiva, pelo menos a uma definição mais conforme com a realidade” que envolveu e celebrizou aquele sacerdote.

Não se pode negar ser isso uma tarefa ingente, máxime tendo-se em vista a insegurança dos documentos, a dubiedade da tradição, o desencontro dos testemunhos e a própria atuação do Padre Cícero, que nunca se abriu inteiramente aos que o observavam, preferindo, como acentua D. José Delgado, recolher-se a “martírio silencioso diante de toda sorte de ataques e injúrias que sofreu pela vida afora”.

Para muitos que estudaram a personalidade do Padre Cícero não foi ele mais do que uma obra plástica da ambiência, deixando-se dominar pelo meio em que se instalou e passando a agir como simples reflexo da atmosfera em que vivia.

Mas, um exame acurado daquela personalidade, uma observação bem amadurecida dos seus produtos leva à conclusão de que, ao invés de curvar-se e ceder às determinações mesológicas, exerceu o Padre Cícero uma forte ação sobre o seu meio, o que não significa alheamento às suas injunções e compreensão das suas imposições.

Apesar da uberdade prodigiosa que caracteriza o vale do Cariri, os seus povoadores, como afirmou Antônio Bezerra, eram na sua generalidade de caráter insubmisso e de más entranhas, mostrando o número sem conta das cruces plantadas pelas estradas e veredas, devidas a assassinios à traição, a índole daquela gente, esclarecendo mais: “Cabra de cacho na testa, não precisa perguntar, é cangaceiro afeito ao crime”.

No lugar em que depois surgiu o povoado que se denominou Juazeiro, por motivo de ali existir um frondoso pé dessa ramnácea, que oferecia abrigo aos comboeiros que percorriam a estrada Missão Velha-Crato, encontrava-se o sítio Taboleiro Grande, de propriedade do padre Pedro Ribeiro da Silva. Em 15 de setembro de 1827 fez ele construir ali uma capela sob a invocação de Nossa Senhora das Dores, à qual, por sua morte, doou o mencionado sítio.

Outros padres foram designados para a criada capelania, até que em 1872 veio ela cair em mãos do padre Cícero Romão Batista. Apesar da presença daqueles sacerdotes, as condições morais da povoação eram reprováveis, o que prova que não procuraram eles exercer sobre o meio nascente qualquer influência benéfica. Excluídas algumas poucas famílias morigeradas, timbravam os habitantes do lugarejo na prática de crimes e desordens, antro de malfeitores, analfabetos e violentos, entregues à embriaguês e não acreditando em feitiçarias, herança dos antepassados indígenas.

Como já sucedera com seus antecessores, o Padre Cícero poderia ter-se conformado com a situação, anular-se diante da consciência coletiva, aceitar os fatos consumados e comodamente limitar-se ao exercício de uma rotina espiritual reduzida, o que seria muito cômodo para ele e melhor ainda para a escória social que o cercava, amante do álcool e do samba, que preferia a faca à cinta em vez do crucifixo ao pescoço.

Homem de elevada cultura para o tempo, tendo adquirido um lastro bem sólido de conhecimentos intelectuais, como ótimo aluno que foi de História, de Geografia e Teologia no Seminário de Fortaleza, trazendo no espírito a sólida intenção de conquistar almas para Deus e cidadãos para a Pátria, dispôs-se a transformar aquele meio através de um trabalho de catequese apropriado ao tempo e às pessoas, misturado de persuasão e de energia, e que, para se fazer notado e influir, exigia uma propedêutica de certo modo espetacular. Dois caminhos poderiam modificar o caráter insubmisso daqueles grupos de certo modo heterogêneos, de formação psicossocial desordenada: o da violência, preferido pelos poderes públicos e de resultados sempre deploráveis, como aconteceu em Canudos, e o do misticismo, de que se tornara modelo o Padre Ibiapina. Homem de

estudo e de meditação, dispôs-se o Padre Cícero a adotar o segundo. Para isso teve que preparar-se interiormente e tornar-se notado exteriormente. O Padre Azarias Sobreira diz que ele, fervoroso admirador dos Jesuítas, no amansar e civilizar os silvícolas, procurou seguir-lhes as pegadas entusiasta e resolutivo. Associando a ação à oração, mortificava-se como os monges da Tebáida, exauria-se em jejuns e penitência, não encrava sacrifícios nem sofrimentos para socorrer os necessitados de amparo material ou espiritual, desprezava os mais comensinhos confortos pessoais, descuidava-se das suas vestes e nenhum atrativo exterior, por mais modesto que fosse, lhe despertava a atenção. Assim tornou-se alvo da atenção geral, passou a ser olhado com admiração e a ser ouvido com docilidade, criou em seu derredor um halo de veneração e através da sua palavra e dos seus exemplos conseguiu por meio da exacerbação religiosa do povo difundir a fé, transmudar os costumes, eliminar as contendas, tornando-se ao mesmo tempo oráculo e guia, médico de almas e de corpos, cuja fama transbordante exorbitou os limites do seu pobre burgo e espraiou-se com ímpetos de maré enchente pelos sertões adentro.

A primeira impressão que se tem ao se aproximar da figura do padre Cícero nesse quadro do seu triunfo missionário é que se deixou ele dominar pela atrasada cultura das populações sertanejas, trabalhadas pelas superstições indo-africanas e mergulhadas numa fase de sincretismo religioso, atraídas pelos fenômenos que envolvem o mistério e vendô milagres em qualquer acontecimento inexplicável à primeira vista. Bem diferente, porém, é a conclusão quando se estuda de perto a construção intelectual e a estrutura espiritual do vigário de Juazeiro.

Desde cedo não lhe descurou a família a freqüência escolar, tanto assim que, aos seis anos, já recebia lições do mestre-escola Rufino, estabelecido na cidade do Crato. Outros professores teve até os 16 anos, quando se matriculou no colégio dirigido em Cajazeiras, Paraíba, pelo padre Inácio Rolim, de renome em toda a região. Atendendo à vocação sacerdotal, manifestada desde a infância, ingressou no dia 4 de abril de 1865 no Seminário de Fortaleza, fundado apenas há um ano atrás. Ali pontificavam mestres do mais fino trabalho cultural, pa-

dres lazaristas, formados sob a influência das letras francesas, testemunhas e partícipes dos entrecosques entre jansenistas e jesuítas, armados cavaleiros para as investidas levadas a efeito contra a Igreja pelos iluministas, racionalistas e naturalistas de que eram figuras representativas Voltaire e Rousseau. Não fugiam, porém, a um destacado espírito de ascetismo, resquício da educação jansenista, condenando as amizades íntimas, as afeições duráveis. Indubitavelmente essa formação austera mais desenvolveu no Padre Cícero os pendores místicos e a atração para a penitência, já manifestados na primeira idade, quando ele na hora das refeições, se deixava ficar na igreja entregue a ferventes preces.

O Seminário de Fortaleza, representou para a época uma espécie de escola superior, tal o programa de ensino, a competência do professorado e a excelência dos estudos. Verdadeiro foco de luz na apagada vida cultural da pequena cidade, ele passou a atrair as inteligências ansiosas de conhecimentos intelectuais e daí registrar a sua história, no seu primeiro quartel de funcionamento a passagem pelos seus bancos de vultos dos mais ilustres nas letras, nas ciências e na política do Ceará.

Graças a essa situação inigualável do Seminário, encontrou nele o Padre Cícero condições e oportunidade para aprofundar os conhecimentos já conseguidos e ao mesmo tempo em que adquiria outros indispensáveis aos seus anseios de aperfeiçoamento geral e necessários ao exercício da missão que se propunha desempenhar. Além dos ensinamentos de seus admiráveis professores, desfrutou ainda o Padre Cícero de um convívio dos mais proveitosos com seus companheiros de estudos, os quais, pela distinção com que se houveram após a ordenação, ocuparam lugares destacados, quer nas atividades eclesiásticas propriamente ditas, quer noutros setores da vida social e política. Assim, entre as turmas de ordenados entre 1867 e 1870, sobrelevaram-se os seguintes sacerdotes:

Padre José Lourenço da Costa Aguiar, que foi o primeiro bispo do Amazonas, depois de ter ocupado o curato da Sé de Fortaleza e da Catedral de Belém. Deputado provincial pelo Amazonas, Provedor da Santa Casa de Belém, formou-se ainda em Direito Canônico, fundou o jornal "Tribuna Católica", de

Fortaleza e era membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Padre Joaquim Romualdo de Holanda, cônego da Capela imperial e vigário da igreja de Santa Rita, no Rio; professor de Filosofia no Liceu do Rio Grande do Norte e membro do Instituto de Geografia e Arqueologia de Pernambuco.

Padre Joaquim Romualdo de Holanda, cônego da Capela Imperial, e vigário de Baturité, Acarape e Trairi, tendo falecido em São Paulo.

Padre João Paulo Barbosa, vigário da freguesia de S. Luís, em Fortaleza, a quem se deve, em grande parte, a construção da igreja do Patrocínio. Foi Inspetor Escolar e Diretor da Escola Normal de Fortaleza, além de professor do Liceu do Ceará. Pertenceu ao Centro Abolicionista. Designado cônego honorário da Catedral de Fortaleza, era orador sacro de renome, tendo pronunciado a Oração Fúnebre nas exéquias de D. Luís Antônio dos Santos. Foi um dos fundadores da União do Clero.

Padre Antônio Bezerra de Meneses, que, depois de curar paróquias no interior do Ceará, transferiu-se para o Rio, ali sendo vigário de Santa Rita e Engenho Novo.

Padre Constantino Gomes de Matos, cura da Sé de Fortaleza e bispo do Rio Grande do Sul, honra de que declinou preferindo ser Visitador de ordens religiosas. Jornalista com atividade no Recife, Rio e Fortaleza, também se fez abolicionista fervoroso. Combateu vigorosamente a infiltração do Protestantismo que se iniciava no Ceará, com a pena e pela palavra.

Padre Antônio José de Lima, que chegou a Monsenhor. Foi vigário no interior cearense. Muito trabalhou durante a seca de 1877, e elegeu-se deputado provincial pelo Ceará. Após a proclamação da República, escolhido senador, chegou a ocupar a Presidência do Senado, como seu primeiro presidente.

Em contacto demorado com essa plêiade talentosa de ótimos seminaristas e futuros valores humanos não podia a aguçada curiosidade do Padre Cícero deixar de saciar-se, máxime quando era tido como um ledor infatigável, devorador dos numerosos livros que se iam enfileirando na biblioteca do Seminário, a maioria trazida da França e contendo o que havia de mais

atualizado em assuntos filosóficos, teológicos, literários e de conhecimentos gerais.

Um espírito assim formado não podia jamais ser acoimado de escassez intelectual ou desprovido dos elementos apropriados para atuar em qualquer meio social. É verdade que nele predominava uma certa tendência para o misticismo, o que não significa deficiência intelectual, pois disso também padeceram eminentes vultos da humanidade. E quanto ao fato de ter andado às voltas com sonhos e visões, uma das quais o levou à determinação de fixar-se definitivamente em Juazeiro, não há nisso nenhuma demonstração de fraqueza mental, pois são numerosos os testemunhos de grandes homens, cientistas e artistas, que atribuíram suas descobertas ou seus êxitos a insinuações misteriosas ou a inspirações inexplicáveis. Carl Jung, o grande psicanalista, que estudou a vida de muitos escritores concluiu que as palavras algumas vezes lhes foram impostas positivamente, a pena escrevendo coisas que os olhos percebiam com assombro. Essas visões inspiradoras tinham algo de tão misterioso como a fonte de que provinham, sendo que muitas ocorriam durante estados de semiconsciência, enquanto outras manifestavam-se durante o sonho. Descartes confessava que deveu a um sonho a chave mágica que abriu o cofre da geometria analítica, novo e revolucionário instrumento para o estudo do espaço e do tempo. Banting, ainda obscuro estudante da Faculdade de Medicina da Universidade de Toronto, teve um sonho em 30 de outubro de 1920 que lhe indicou a fórmula para obtenção da insulina, graças à qual milhares de diabéticos podem hoje viver normalmente. Isaac Newton afirmava que deveu a uma voz misteriosa a descoberta da lei da gravitação, uma das mais importantes na história da ciência, e graças à qual foi possível a chegada do homem à Lua. Goethe, o celebrado poeta alemão, não se pejava de dizer que sua inspiração ele encarava como dádiva inesperada do céu. Sócrates atribuía muitas das suas idéias a um demônio amigável. E agora, em nossos dias, Picasso, cujos quadros valem milhões, informa que quando começa a pintar alguém trabalha com ele.

Não é difícil, pois, em face disso, compreender a obstinação do Padre Cícero em permanecer no pequeno lugarejo, que

a visão lhe antecipava populoso e trepidante e que lhe era entregue por Jesus Cristo para dele tomar conta e incumbir-se da salvação de tanta gente.

E graças a essa obstinação, que venceu as forças da natureza, que se sobrepôs à vontade dos homens e que se viu na contingência de enfrentar a decisão da hierarquia, é que se compreende o surgimento e desenvolvimento do aglomerado humano que se fixou em Juazeiro. Ecologicamente não se explica o progresso urbano do hoje importante centro cariense, comprimido entre duas grandes cidades bem servidas pela natureza, submetido à tirania da água, sem fartos recursos agrícolas. Apesar de tantos óbices conquistou de maneira explosiva uma situação do mais alto relevo na economia cearense apresentando-se como o maior centro industrial do Cariri, com um volume demográfico excedente ao da própria cidade do Crato, considerada a capital da região.

Uma tão admirável colméia humana, onde a atividade criadora se manifesta sob tantos aspectos, onde o comércio é intenso, as letras são cultivadas, a educação é bem desenvolvida, a vida social é trepidante, o movimento bancário é intenso, o bom gosto da classe alta é visível, com várias igrejas, numerosas escolas de todos os graus, ótimas comunicações urbanas e interurbanas não pode ser resultado de um simples fluxo de pobres sertanejos, vindos de paragens distantes incitados pelo mais rudimentar fanatismo. Temos de convir em que algo de supremo funcionou na transformação em tão poucos anos de um vilarejo pouco frequentado numa das maiores cidades cearenses.

Diante dessa evolução extraordinária seria interessante conhecer agora, se possível, a opinião de ilustre político e grande figura da intelectualidade patricia que, há 32 anos passados, lamentava “terem resultados inúteis a imensa força e o prestígio pessoal — os maiores de que já dispôs um homem, neste país — em favor das populações que, por cerca de meio século, se prostraram ante o Padre Cícero”, acrescentando que, “a não ser um certo incremento da lavoura, nas regiões circunvizinhas, nenhum outro benefício foi realizado pelas sucessivas ondas humanas que, durante décadas, se dobraram aos pés do tau-maturgo sem par na história”.

Focalizando a pessoa do Padre Cícero não quis julgá-lo nem submetê-lo ao julgamento dos coevos. Procurei apenas destacar a sua pessoa debaixo do aspecto sócio-cultural. A meu ver é nesse terreno que se encontra e se destaca o caráter mais significativo do chamado Patriarca do Juazeiro. Considerou-se ele depositário de uma estupefaciente missão: construir uma cidade — dar-lhe forma, dar-lhe vida, dar-lhe grandeza. Para tanto sacrificou seus ideais missionários, seus interesses pessoais, suas afeições sacerdotais, a disciplina eclesiástica, sua própria liberdade de ação. Tudo o mais que pudesse acontecer com sua pessoa, ao redor de sua pessoa ou contra sua pessoa deixou de ter significação para ele. Para compreendê-lo suficientemente é preciso, como opina D. José Delgado, vê-lo de dentro para fora e não de fora para dentro, porque foi um homem de raras qualidades interiores. Essa era também a opinião de D. Joaquim, em sua Carta Pastoral de 25 de julho de 1894, quando dizia que o Padre Cícero era um homem de “costumes puros, de passado sem mancha, inteiramente desprendido dos bens deste mundo, estimável por seus elevados sentimentos e incapaz de qualquer ação menos nobre”.

Para quem o olha de fora para dentro ele parece desmentir essas qualidades. Para quem via nele apenas o homem, ele não passava de um ambicioso. Para quem o encarava como taumaturgo, ele tinha aspecto sobrenatural. Hoje, com o passar dos tempos, com o amainar das paixões, com os recursos da sociologia do conhecimento, da psicologia e da psicanálise muita coisa que parecia obscura na sua conduta, inexplicável nos seus atos e até injustificável nas suas decisões torna-se perfeitamente compreensível e faz que apareçam imortais as grandes linhas da sua perpétua fisionomia.